

Uma tragédia de Sófocles inaugura o Teatro da Scav

BR.18ES.C.702

17

Com um elenco de 17 pessoas, Luis Tadeu Teixeira ensaia há quatro meses, no ainda inacabado Teatro da SCAV, na avenida Beira Mar, ao lado do Colégio Salesiano, "Antígona", de Sófocles, em versão de Leon Chancerel.

Do elenco fazem parte: Luiz Tadeu Teixeira (Creon, rei de Tebas), Alcione Dias (Antígona, sua sobrinha), Neusa Orosz (Ismênia, irmã de Antígona), e Eurídice (mulher de Creon), Roberto Rocha (Hemon, filho de Creon e noivo de Antígona), Milson Henriques (Guarda), Bob de Paula (Tirésias, o adivinho), Adauto Vivaldi, Izalte Broidel, Vicente Fantini e Francisco Israel (Guardas), Roberto Claudino, Vera Viana, Marcia Gáudio, Zê dos Santos, Marlene Campista, Agostino Lazzaro, Antonio Scotta e todo elenco (coro dos cidadãos de Tebas). Os cenários e figurinos estão sendo criados pelo elenco. E, a programação visual e cartazes do espetáculo ficaram a cargo de Atílio Gomes. A estréia será na segunda quinzena de julho.

A escolha de versão de Chancerel deve-se, principalmente, ao caráter eminentemente didático do texto. A ação integral foi respeitada, mas o estilo retórico do original e suas várias citações a deuses e fatos mitológicos foram parcialmente abolidos, conservando-se no entanto o tom mítico da tragédia.

A intenção principal do grupo não foi a de montar uma tragédia grega nos moldes acadêmicos, mas transportá-la para nossa época e para as circunstâncias em que vivemos. Explica-se, assim, as podagens ao texto original, pois, se para os antigos gregos todos estes deuses e mitos faziam parte de seu cotidiano, para o público atual, na sua maioria não acostumado com eles, tornam-se apenas uma erudição desnecessária.

A montagem segue uma linha de depuração completa dos gestos. E, os atores atuam com descontração procurando durante o

espetáculo atrair o público para o clima da peça, tornando-o também um participante ativo do espetáculo, que, sem ele, não teria sentido.

CONTATO DIRETO

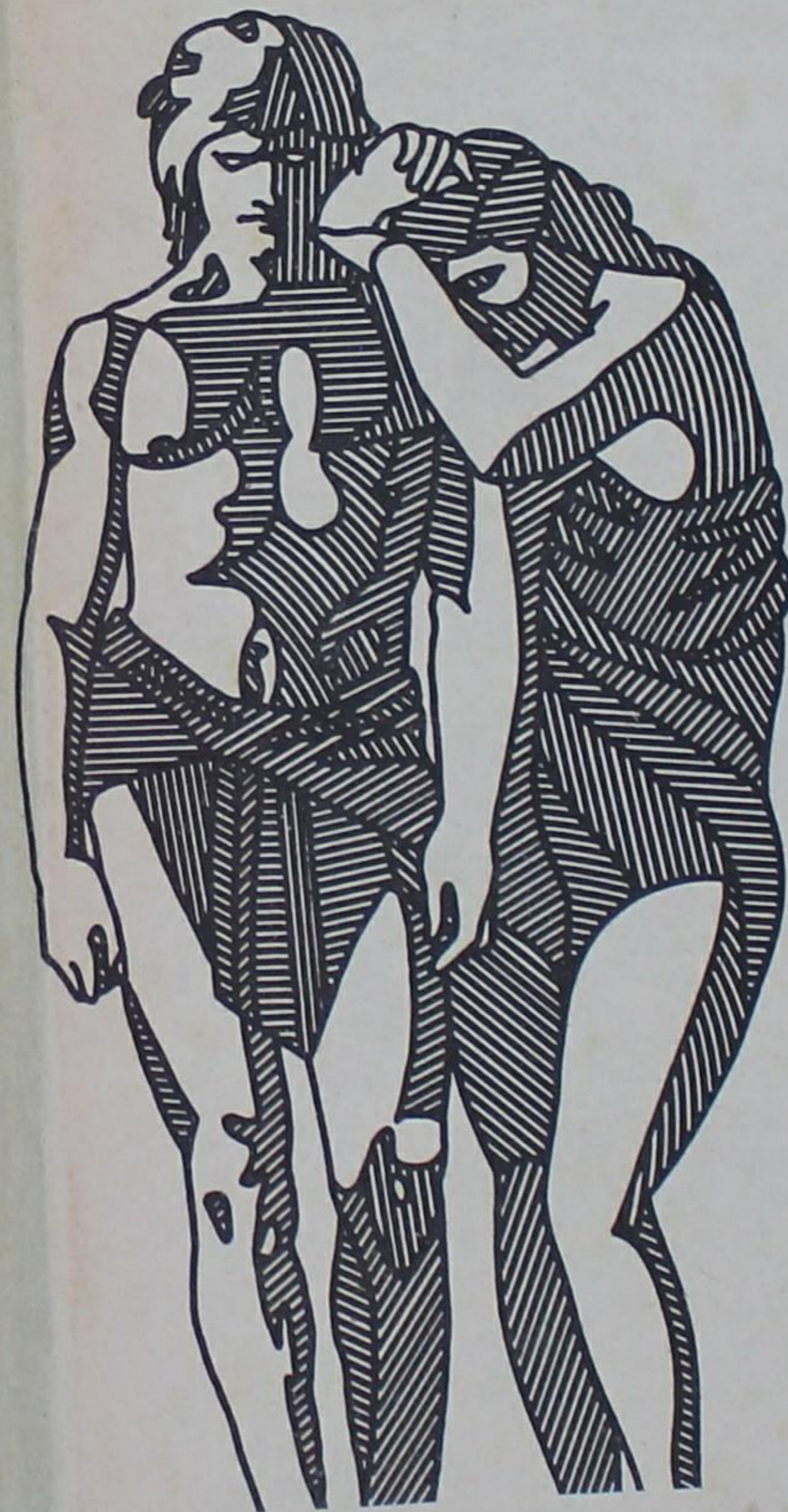
Segundo o diretor Luis Tadeu Teixeira, não houve intenção de se seguir fielmente uma única versão da peça. Seja o original de Sófocles, ou as versões mais modernas de Anouilh, Brecht ou mesmo Julien Beck. "Ao contrário, explica ele, procuramos estudar cada uma destas versões e construir um espetáculo que tivesse a ver com o tempo e a época em que vivemos. Para tanto, procuramos seguir uma linha onde os atores se comportassem mais livremente diante do texto, procurando colocar suas próprias idéias. Ou seja, tomando uma posição distanciada em relação ao texto para melhor entendê-lo e fazê-lo claro para o espectador. Nossa principal meta com este espetáculo é a de levar o público a tomar contato direto com esta tragédia, que é um dos pontos básicos do teatro ocidental".

Ao texto, foi acrescentado um prólogo onde os atores assumem seus papéis diante do público, e explicam os fatos que antecedem o drama e situam seus conflitos.

Foi dada uma importância maior ao coro dos cidadãos de Tebas, do qual mesmo os protagonistas fazem parte. "O coro, explica Luiz Tadeu, é o elemento de ligação entre o público e o drama. É ele quem comenta a ação e a esclarece ao público. É ele também quem expõe a mensagem da peça. No seu meio, os personagens criam suas formas definitivas, voltando a ele quando sua participação na ação principal está terminada.

ANTÍGONA

Escrita em 440 aC. (aproximadamente), "Antígona", de Sófocles é um dos textos



básicos da tragédia grega e uma das maiores criações do século de Péricles, em cuja época a democracia ateniense chegou a seu apogeu.

Sófocles, seu autor, que foi Ministro da Fazenda de Péricles carregou consigo os ideais do seu tempo. E, coloca na sua tragédia as contradições de uma democracia que, na verdade, pertencia apenas aos poderosos.

O tema de "Antígona" pode ser resumido numa máxima moral: o dever sagrado de enterrar os mortos, amigos ou inimigos. Morto Polínice durante a guerra que ele mesmo travou contra Tebas com o intuito de reconquistar o poder usurpado por Etéocles, seu irmão, que também parece na batalha, Creon, tio de ambos, assume o trono de Tebas e proíbe o enterro de Polínice, enquanto prepara para Etéocles os funerais devido aos heróis de guerra. Contra esta ordem levanta-se Antígona, seguindo as leis do Hades (a terra dos mortos).

A partir daí, a peça desenvolve o tema da relatividade e da possível harmonia entre o poder profano (do Estado) e o poder sagrado (dos deuses). De um lado está Creon, que leva às últimas consequências a necessidade de se manter o poder absoluto dos governantes. E, de outro, Antígona, uma personagem heróica e individualista talvez mesmo pueril, que tenta a todo custo manter as tradições sagradas do seu povo.

Para Sófocles o conflito não está retratado apenas no plano político. Precedendo a ação de Antígona, existe a maldição que paira sobre a família do Édipo, do qual Antígona, Ismênia, Polínice e Etéocles são filhos. E é este elemento mítico que, em última instância, determina o trágico desfecho da peça.